

Geopolítica em pauta: Gênese e evolução da temática “territórios e fronteiras”



<https://doi.org/10.56238/chaandieducasc-022>

Valter Machado da Fonseca

Universidade Federal de Viçosa, Dep. de Educação (DPE/UFV).

Pós-doutor em Educação.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3914-0217>

RESUMO

Este ensaio visa realizar uma problematização acerca dos conceitos de Territórios e Fronteiras. Indaga sobre os tempos pretéritos apontando as origens primárias das organizações sociais dos homens coletores de frutas, de raízes e caçadores, nômades e sua relação com o espaço geográfico. O texto discorre sobre a evolução das técnicas e de que maneira elas impactaram na organização do território e na construção das fronteiras. O texto utiliza uma metodologia qualitativa embasada numa investigação analítica e exploratória com vistas à investigação da evolução da configuração do

espaço em função da evolução das tecnologias. Diante disso, ele argui acerca das relações dos territórios e fronteiras com as novas configurações socioespaciais derivadas das novas mobilidades do capital volátil e especulativo, formando os blocos econômicos de poder e impactando as fronteiras e territórios. Conclui-se, nesta medida, que os conflitos territoriais dão nova dinâmica à circulação de mercadorias e, ao mesmo tempo, tornam as fronteiras obstáculos mais seletivos à migração de pessoas e mais abertos à circulação de mercadorias, impactando, dessa forma, toda a circulação da cadeia de bens oriundos da cadeia produtiva capitalista, propiciando novas formas de criação de mais-valia e da reprodução expandida do capital.

Palavras-chave: Relação territórios/fronteiras, Evolução das tecnologias, Volatização do capital, Novos blocos econômicos e de poder, Seletividade das fronteiras.

1 INTRODUÇÃO

As reflexões acerca do conceito de território e fronteira possuem enorme importância para compreendermos a realidade em que vivemos. A integração dos mercados internacionais, a formação de blocos econômicos regionais e mundiais, a transposição da mercadoria além de fronteiras de países, a velocidade das comunicações, da internet e dos transportes, a aproximação e estranhamento entre culturas, todos estes processos se inserem no contexto da globalização (ou mundialização do capital) e se relacionam diretamente à produção de territórios e suas fronteiras.

Sendo assim, pretendemos iniciar nosso estudo com uma questão importante acerca das categorias conceituais de território e fronteiras: Qual o papel desempenhado por tais categorias no contexto atual?

Pensar o território como categoria de análise geográfica significa remeter-se diretamente ao espaço como totalidade. O território não está ausente do espaço, pois este é, ao mesmo tempo, uno e múltiplo, sendo total enquanto objeto de análise, porém, fragmentado em sua composição. Esta premissa nos fornece a ideia de que a produção do espaço pelo homem resulta em fragmentações que



não descaracterizam o espaço, mas lhe confere novas características, que lhe permite reproduzir-se enquanto tal. Sendo assim, o território é um elemento que o compõe o todo e como recorte nos possibilita analisar uma parte do conteúdo espacial. Não significa que a realidade será observada parcialmente, sem se considerar as relações mais abrangentes entre os seus elementos. Apenas permite aproximar o investigador de um conteúdo particular, que juntamente com outros conteúdos sobrepostos – sendo estes o lugar, a paisagem, a região - constituem um todo maior, que é o próprio espaço.

Esta é uma indagação que demanda um caminho metodológico bem definido para que não nos percamos em discussões vagas e obscuras, pois o tema é amplo e deve ser delimitado de acordo com critérios pontuais e lógicos.

2 UMA BREVE ANÁLISE PRELIMINAR

Podemos afirmar que o território está para o espaço assim como o espaço está para o território. É necessário compreender que o território é um recorte espacial produzido por atores sintagmáticos, ou seja, sujeitos que produzem ações e reações às condições que lhes são impostas socialmente. Os agentes que constroem e reproduzem o território podem ser os estados-nações, igrejas, grupos LGBTQIA+, instituições privadas, associações de bairro, enfim, são diversos os sujeitos que territorializam o espaço.

Como exemplo de território, podemos citar a delimitação territorial dos países. Se observarmos o continente americano a partir de fotos de satélite, perceberemos que ele não é recortado como estamos acostumados a vê-lo representado em mapas políticos. Pela foto de satélite vemos apenas uma superfície sem divisões, carente de linhas traçadas pelo homem, mas rica em barreiras naturais como rios, serras, lagos, montanhas, florestas, que nem sempre se constituem fronteira de territórios criados pelo homem. (CLAVAL, 1997)

As barreiras naturais podem ser fronteiras para grupos indígenas, como o era no território da América do Sul no ano de 1500. Ou mesmo quando na Europa não havia os cercamentos e as propriedades rurais eram delimitadas por barreiras próprias do relevo ou hidrografia. Afinal, os territórios sempre desempenharam um papel importante, envolvendo, sobretudo, a diferença entre grupos sociais, seja ela por aspectos econômicos, socioculturais ou políticos.

O conceito de território desenvolvido pela geografia foi sistematizado na escola tradicional. O conceito de “espaço vital”, criado por Ratzel no século XIX dentro da corrente de pensamento alemã, está intimamente relacionado ao conceito de território, sendo o mesmo considerado como equivalente àquele teorizado por Ratzel. Desse modo, remetemo-nos ao conceito de espaço vital para ampliar o nosso entendimento sobre o território e, conseqüentemente sobre fronteiras.

O espaço vital em Ratzel é uma porção do espaço determinante para que um estado-nação possa ter progresso econômico e político. Quanto maior o território de um país, maior será sua supremacia



econômica e política. A teorização de tal conceito pela escola alemã teve um caráter prático para a política europeia de colonização dos países africanos e também pela organização e consolidação do próprio território de alguns países europeus. Os recursos naturais eram objeto de disputa pelos estados-nações europeus. (VALVERDE, 2004)

A revolução industrial foi o momento histórico extremamente importante para a Europa, desencadeando um aumento de utilização de recursos naturais que anteriormente ao século XIX não eram utilizados em grande escala. Nesse contexto, a produção industrial está atrelada à disponibilidade de recursos como o carvão mineral, por exemplo. Sendo este e outros recursos abundantes em algumas porções do continente, significa que possuir um território que seja rico em recursos naturais é um fator importante para o desenvolvimento econômico de um estado-nação no momento em que a industrialização depende de tais recursos. Sendo assim, a validade do conceito de espaço vital é justificada pelo contexto histórico vivido pela Europa, relacionando-se às intensas mudanças econômicas e políticas. (ANDRADE, 1995)

Pensando a partir do interesse econômico e político necessário para que haja delimitação espacial, compreendemos que o conceito de território está atrelado à condição de poder, ou seja, a necessidade de estabelecer fronteiras é anteriormente determinada por um interesse que reside no desenvolvimento econômico e político de uma nação. Sendo assim, para que se tenha um desenvolvimento diferenciado em relação a outros países é necessário possuir território e expandi-lo. A noção de desenvolvimento se relaciona à condição poder, pois o status econômico e político está intimamente ligado a essa condição.

Atualmente, a disputa por território não se realiza pela motivação em alargar as fronteiras dos países, pois em todo o mundo já se tem delimitações consolidadas, com exceção de alguns estados-nações que disputam o domínio de certos espaços, como Israel e Palestina, Índia e Paquistão. O controle por territórios em escala global, tomando-se os países como referência, ocorre por meio do controle econômico. O conceito de espaço vital não pode ser hoje tomado para explicar as disputas territoriais entre países, nem mesmo determinar a supremacia política e econômica. Basta compararmos o Brasil e o Japão quanto às suas extensões territoriais para percebermos que o tamanho não é um fator de desenvolvimento econômico. O conceito de espaço vital contribui para que vejamos o território como uma delimitação espacial ligada ao poder dos sujeitos que o construíram. (VALVERDE, 2004)

A formação de blocos econômicos regionais é um exemplo claro de que existem territórios apropriados pela mercadoria. A criação da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas) proposta desde o ano de 1999 pelos Estados Unidos da América, almeja eliminar as barreiras alfandegárias que dificultam a circulação de mercadorias no continente. A ALCA permitiria que a circulação de mercadorias e serviços em toda América fosse realizada sem qualquer impedimento. Mas o que se



cogita é que na prática ocorrerá a mobilidade apenas da mercadoria, sendo que a fronteira exercerá o papel de restringir a circulação de pessoas, mantendo a fronteira de alguns países participantes da ALCA, sobretudo dos Estados Unidos, intransponíveis pelos migrantes latinos.

O desenvolvimento atual do capitalismo demonstra-nos que as alianças comerciais em escala global são extremamente importantes para o desenvolvimento econômico, político e social dos estados-nações e que o tamanho do território não é fator limitante ao progresso econômico como o era há séculos atrás, porém, as fronteiras têm apresentado seletividade com restrições para a circulação de pessoas.

3 PARTINDO DO PRINCÍPIO: A GÊNESE DAS FRONTEIRAS E TERRITÓRIOS

As primeiras noções sobre “Território” surgiram há milhares de anos, com as sociedades primitivas. Nessas sociedades, o homem vivia da coleta de frutos, sementes e raízes, da caça e da pesca. Assim a partir do momento em que essas fontes de alimentos se escasseavam em determinadas áreas, ele se via obrigado a mudar de local em busca desses alimentos.

Assim, podemos concluir que nesse tipo de sociedade, o homem se ligava a uma determinada área, apenas pela existência de alimentos, necessários à sua sobrevivência. Não existiam outros fatores e aspectos que o ligavam a um determinado local. Então, nesses modelos de sociedade, o homem não possuía nenhum território definido, ele era nômade, isto é, vivia mudando de local, em função da busca de novas fontes de alimentos.

3.1 A FIXAÇÃO DO HOMEM AOS TERRITÓRIOS

O fim do nomadismo, nesse modelo de sociedade, se deu por intermédio da observação da natureza pelo próprio homem. Dentre essas comunidades nômades, assim, como em todas as sociedades, existiam homens diferenciados, mais curiosos. Pois bem! Esses indivíduos, por intermédio da observação dos fenômenos naturais, começaram a perceber que determinadas espécies de árvores frutíferas, das quais eles se utilizavam para alimentar, produziam sementes, que caíam no solo e davam origem a novas espécies.

A partir dessa observação, ele começou a selecionar sementes, no intuito de produzir novas espécies frutíferas, das quais ele poderia se utilizar para se alimentar no futuro. Esse processo deu origem ao que denominamos de período de “domesticação da agricultura”. Começa, aí, as bases para a definição dos territórios, ligados à necessidade de criação de novas fontes de alimentos.

Da mesma forma, observando os animais que ele utilizava (por meio da caça) para sua alimentação, ele também percebeu que os mesmos também se reproduziam, a partir do cruzamento entre casais da mesma espécie. Assim, ele iniciou também um processo de seleção desses animais, os quais eram capturados e colocados em local fechado, onde poderiam se reproduzir, ficando ao alcance

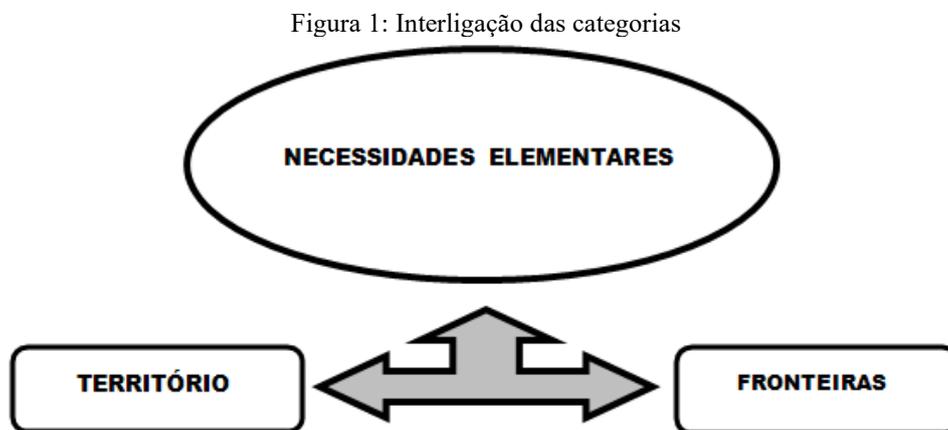


de sua mão, objetivando também resolver problemas relativos à alimentação futura. É o processo denominado de “domesticação da pecuária”.

Podemos então concluir que a origem do território ocorreu em função do atendimento de uma das necessidades mais básicas e elementares dos seres humanos: a alimentação, a sobrevivência. É interessante observar, nesse processo, que essa necessidade elementar, levou o homem a perceber a importância do uso da terra e necessidade de cercar determinadas porções do espaço, o que faria com que ele iniciasse um processo de domínio sobre determinadas porções de terra.

Nota-se, assim, que o surgimento da noção de território nasce em função de uma necessidade, porém ligada à ideia de domínio dos recursos naturais, nesse caso, a terra. Aparece aí, também a noção incipiente de propriedade da terra, mesmo que ela fosse usada em função do atendimento do interesse coletivo, de toda a comunidade. Essa ideia de propriedade da terra traz consigo também a noção de poder e de apropriação dos recursos da natureza, ou seja, o homem começa a perceber as possibilidades de dominação da própria natureza. (HUBERMAN, 2001). Aparece aí também a necessidade de proteção das fronteiras de suas porções de terra, evitando assim, invasões de outras tribos ou comunidades, além de animais sobre os quais ele não tinha controle ou domínio. Nota-se, dessa forma, que as noções de fronteiras aparecem, concomitantemente, às noções de território. Podemos, então, afirmar, que essas duas categorias são interligadas e interdependentes.

A figura 1, a seguir, é uma representação esquemática que sintetiza o que acabamos de discutir.



Elaboração, organização e digitalização: V. M. da Fonseca (2010)

Analisando a figura 01 você pode verificar que as duas categorias (território e fronteiras) são interligadas e interdependentes e surgiram em função das necessidades básicas de sobrevivência do ser humano, diante do ambiente, na sociedade primitiva.

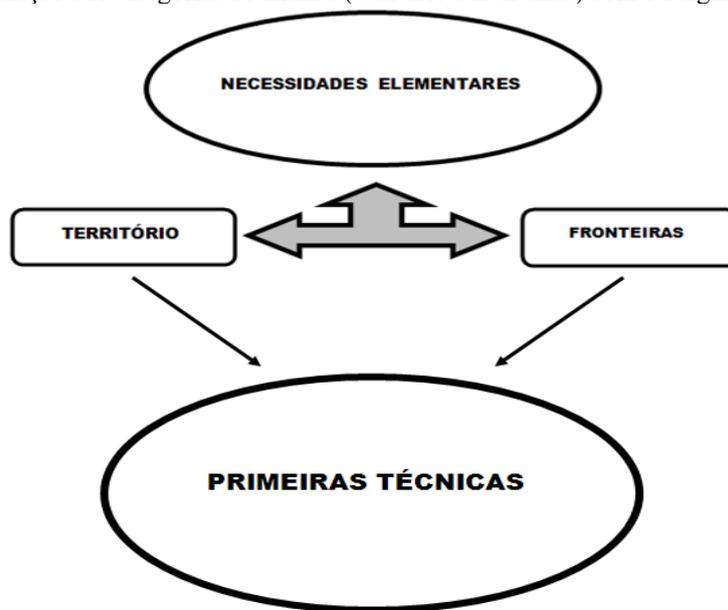


3.2 O SURGIMENTO DO TERRITÓRIO TRAZ CONSIGO O APARECIMENTO DAS PRIMEIRAS TÉCNICAS

A observação do funcionamento dos princípios de reprodução das espécies, visando ao atendimento da demanda por alimentos, ainda nas sociedades primitivas, fez com que o homem começasse a refletir sobre a ideia de dominação e apropriação da natureza e de seus recursos. Assim, o homem começa a fabricar seus primeiros utensílios, objetivando o trabalho na terra e no manejo de animais. Esses primeiros utensílios (como enxadas, arados rudimentares e montarias) deram início às técnicas. (HUBERMAN, 2001)

As técnicas ligadas à agropecuária foram combinadas com as técnicas ligadas ao domínio do fogo pelo homem, as quais vieram estabelecer os princípios rudimentares da siderurgia. A figura 02, a seguir, é um complemento da figura 1, ou seja, é uma representação esquemática, mostrando a vinculação entre as necessidades humanas, o território, as fronteiras e o surgimento das técnicas.

Figura 02: Vinculação das categorias de análise (território e fronteiras) com o surgimento das técnicas.



Elaboração, organização e digitalização: V. M. da Fonseca (2010)

3.3 REFLETINDO SOBRE O SURGIMENTO DAS TÉCNICAS

A partir da evolução da técnica surge a fixação do homem ao território, surgem as relações econômicas, as relações de poder, com seus conflitos e contradições. Neste sentido, é relevante a formulação de Porto-Gonçalves, 2006:

Não existe técnica sem uso prático e essa distinção é, rigorosamente, absurda. Afinal, e eis uma outra característica importante do fenômeno técnico, a técnica traz em seu uso a intenção em estado prático: por meio da técnica, meios e fins se tornam *praticamente* concretos. Assim, é sempre bom insistir, a técnica não é paralela nem tampouco exógena às relações sociais e de poder. Deste modo, uma crítica à técnica, mesmo que a uma determinada técnica específica é, sempre, uma crítica às



intenções nela implicadas e, assim, se introduz uma tensão, uma dubiedade, lá mesmo onde se acreditava haver uma ação simplesmente racional que se acreditava unívoca e, por isso, inquestionável. Entretanto, toda técnica, sendo *meio*, está a serviço de um *fim*, seja um arco e flecha, seja uma enxada, seja um míssil. (PORTO-GONÇALVES, 2006, p.79) (Grifos do original)

Podemos verificar que a evolução das técnicas e dos conhecimentos que as produziram, ou delas derivados, configuraram os modelos econômicos que sustentam e/ou sustentaram todas as sociedades, até os dias atuais. Assim, as técnicas presentes na sociedade moderna são frutos de um lento e gradual processo de desenvolvimento e de produção de conhecimentos.

Nesse sentido, podemos também verificar que a análise das categorias território e fronteiras, traz em seu bojo, uma importante reflexão sobre sua relação com a produção das técnicas, do conhecimento e das questões que envolvem o poder, no trato dos interesses acerca das questões das quais o ser humano julga necessárias à sua vida e sua sobrevivência. Assim, para desenvolvermos essa análise, temos, sempre, que levar em consideração as disputas, conflitos e jogo de poder, envolvidos em sua construção.

4 O PODER POLÍTICO/ECONÔMICO: TERRITÓRIOS, FRONTEIRAS E CONFLITOS

De nada adiantariam as observações realizadas pelo homem nas sociedades passadas, se ele não conseguisse assimilar, organizar e produzir conhecimentos, a partir dessas observações. Assim, a capacidade de raciocínio do ser humano, foi fundamental para, além de distingui-lo das demais espécies de seres vivos, também dotá-lo da capacidade de desenvolver técnicas, facilitando sua sobrevivência no planeta.

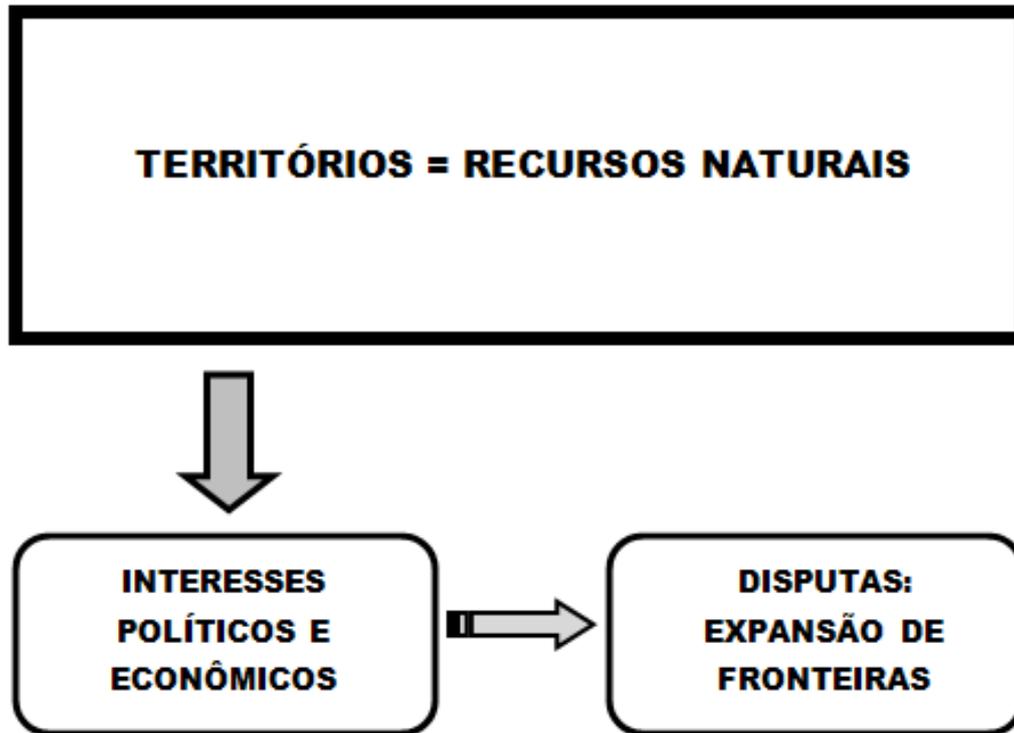
A capacidade de raciocínio também dotou o ser humano de interesses, cobiças e desejos. Segundo esta lógica, o homem sentiu necessidade de proteger suas conquistas, visando sempre aumentá-las e expandi-las. A configuração do território trouxe, dessa forma, a necessidade de proteção das divisas desse território, ou seja, a necessidade de proteção das fronteiras. As fronteiras passaram a ser regiões de disputa que envolviam interesses de manutenção dos territórios aliada ao desejo de sua expansão: isto iria configurar as disputas e o jogo de poder que envolvem os territórios e as fronteiras. (HUBERMAN, 2001)

Esse jogo de poder iria se configurar em torno de disputas econômicas e políticas, sempre envoltas em interesses diversificados acerca dos recursos naturais. A maioria das guerras e conflitos bélicos que ocorreram, até os dias atuais, envolveu disputas acerca do poder político e econômico em torno dos interesses pela expansão territorial. Podemos, então, afirmar que as disputas espaciais estão no centro do debate que envolve interesses econômicos e políticos dos diversos povos e diferentes nações do mundo. Para exemplificar esses fatos, basta que olhemos a história das duas grandes guerras mundiais e as disputas geoeconômicas mundiais.



A figura 03, abaixo, sintetiza o que foi discutido nos parágrafos acima. Ela é uma representação que mostra a relação que existe entre o poder político e econômico e a necessidade de expansão dos territórios em função da demanda por recursos naturais, por intermédio da expansão das fronteiras territoriais.

Figura 03: relação entre territórios, recursos naturais, fronteiras e interesses políticos e econômicos.



Elaboração, organização e digitalização: V. M. da Fonseca (2010)

5 A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: REFLEXOS SOBRE TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS

A partir do momento em que o homem se fixou ao território, essa categoria vem se redesenhando, se modificando em cada tipo de sociedade. Mas, foi a partir da Revolução Industrial, que marcou as bases materiais de fundação da sociedade capitalista, é que este conceito veio a adquirir novos contornos. A Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra no século XVII/XVIII, veio mexer com toda a estrutura social, construindo uma nova dinâmica para a vida humana em sociedade. (RAFFESTIN, 1993)

A Primeira Revolução Tecnológica, ou mais simplesmente, Revolução Industrial, significou um marco histórico para a construção da sociedade capitalista. Ela iria alavancar novas invenções e descobertas e, sobretudo, criaria uma nova configuração socioespacial no planeta, principalmente nas grandes potências europeias, as quais haviam conseguido acumular grandes volumes de capitais, que precisavam ser reaplicados para garantir sua reprodução. Para isso, precisavam investir na construção de novos meios de transporte para trazer a matéria-prima necessária à produção e, sobretudo, para o escoamento desta produção.



Desta forma, a indústria recém-fundada necessitava de toda uma **logística**¹ de produção que viesse garantir seu funcionamento, desde o transporte da matéria-prima, passando pelo processo de transformação, escoamento e circulação das mercadorias produzidas pelo processo industrial.

Ana Fani Alessandri Carlos, 1989 define desta forma a Revolução Industrial:

A Revolução Industrial longe de se apresentar como um fenômeno técnico significou uma transformação na ciência, nas ideias e nos valores da sociedade. Significou também trocas no volume e na distribuição da riqueza centrada, até então, no monopólio da nobreza que lhe conferia também o poder político. Por sua vez, é produto de um processo histórico do desenvolvimento das forças produtoras e do princípio da especialização assentada na divisão do trabalho, já que o homem não produzia mais para a autossustentação. (CARLOS, 1989, p.28).

A autora continua:

A Revolução Industrial criou as condições necessárias para que o capital acumulado pudesse se reproduzir, quais sejam:

- a) inovação nos instrumentos e métodos de trabalho;
- b) incremento da produtividade do solo, liberando a população do campo que migra para a cidade, e vai servir de mão-de-obra para a manufatura e, posteriormente, para a grande indústria;
- c) ampliação do comércio;
- d) desenvolvimento dos transportes e melhoria das vias de comunicação, expandindo o mercado interno e externo;
- e) utilização de outras fontes de matéria-prima;
- f) diminuição no preço das mercadorias;
- g) desenvolvimento do crédito;
- h) melhoria da vida da população (saúde, habitação alimentação) (CARLOS, 1989, p.28-29).

Uma das grandes inovações que seguiu a marcha da Revolução Industrial foi a invenção da **locomotiva**², que revolucionou o sistema de transportes em toda a Europa e, posteriormente em todo o mundo.

A Revolução industrial trouxe como consequência uma nova configuração socioespacial. O espaço geográfico foi transformado em decorrência da nova tecnologia industrial, da invenção da máquina a vapor, da locomotiva, enfim, o espaço se redesenhou em torno da logística construída para o transporte das matérias-primas, do escoamento da produção industrial e da circulação de

¹ Logística é o mesmo que infraestrutura básica, visando garantir a produção, o escoamento e a circulação das mercadorias produzidas no processo industrial.

² Durante muito tempo, as locomotivas a vapor também eram alimentadas com combustíveis da biomassa (madeira), sendo, portanto, uma das responsáveis pela destruição da vegetação nativa do continente europeu.



mercadorias. O capital, antes mercantil passou, a partir de então a receber o status de capital industrial. Com o aparecimento do setor bancário, surge o chamado **capital financeiro**³.

Por outro lado, ocorre uma inversão na lógica de ocupação do espaço pelas populações humanas, cujo maior contingente migra para as cidades em busca de empregos e de melhores condições de vida. A população que no período imediatamente anterior, no sistema feudal, era eminentemente rural, passa a ser urbana. Pode-se dizer que o capitalismo cumpriu um papel extremamente revolucionário, ao soterrar os valores alardeados pela Igreja e pela nobreza.

Maria Encarnação Beltrão Sposito (2005) assim descreve a acumulação e reprodução do capital sob o capitalismo, em decorrência do processo de urbanização:

A cidade é, particularmente, o lugar onde se reúnem as melhores condições para o desenvolvimento do capitalismo. O seu caráter de concentração, de densidade, viabiliza a realização com maior rapidez do **ciclo do capital**⁴, ou seja, diminui o tempo entre o primeiro investimento necessário à realização de uma determinada produção e o consumo do produto. A cidade reúne qualitativa e quantitativamente as condições necessárias ao desenvolvimento do capitalismo, e por isso ocupa o papel de comando na divisão social do trabalho. (SPOSITO, 2005, p.64)

Neste sentido, é possível concluir que a urbanização construiu todas as condições necessárias para a reprodução e acumulação do capital.

Neste sentido, a Revolução Industrial também aumentou, significativamente, o processo produtivo de mercadorias, o qual depende das fontes de matérias-primas e de energia. Assim, seguindo esta lógica, o território também passa a ser visto como “*locus*” das fontes de matérias-primas. Dessa forma o território passa a ser visto como fonte de recursos naturais e de energia, ganhando, assim, nova importância e nova configuração.

6 A SEGUNDA REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E SUAS INFLUÊNCIAS SOBRE TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS

As descobertas de novas formas de energia, como o petróleo e a eletricidade foram os fatos que inauguraram o período denominado de Segunda Revolução Tecnológica. A energia foi considerada como produto vital para a produção de mercadorias, visando à geração de lucros na sociedade capitalista. Assim, a matriz energética mundial foi totalmente edificada a partir dessas duas formas de energia, em especial o petróleo.

Neste sentido, os territórios que possuem essas fontes energéticas passaram a ser considerados estratégicos para a sociedade urbano-industrial. Os países maiores produtores de petróleo, a exemplo

³ Denomina-se capital financeiro ao acúmulo de capitais resultante da soma do capital advindo das indústrias (capital industrial) com o capital originado do sistema bancário.

⁴ Grifo do autor: Ciclo do capital refere-se às etapas necessárias para o capital se reproduzir, ou seja, a transformação da matéria prima (produção), escoamento, circulação e o consumo da mercadoria produzida.



do Oriente Médio, passaram a assumir papel fundamental na sociedade moderna. Então, esses territórios passaram a ser áreas de conflito, justamente pela disputa dessa fonte energética.

Como a supervalorização econômica dos territórios, as fronteiras também passaram a ter novos significados, uma vez que elas delimitam esses territórios. Assim as regiões de fronteiras passaram a ser fiscalizadas de perto, o que inspirou a produção de novas tecnologias, visando o ataque e as defesas dessas fronteiras. Tecnologias ligadas à observação e defesa das fronteiras, como os satélites artificiais tiveram uma evolução significativa.

Um fato que ilustra bem essa questão foi o recente conflito no Iraque. Nesse episódio, os EUA, sob pretexto de combate ao terrorismo, ocuparam o território iraquiano. Mas, o que realmente estava em jogo neste episódio era a posse das jazidas petrolíferas do Iraque.

A geopolítica do petróleo, neste limiar de século, tem servido de subterfúgio para ameaçar a autonomia e a autodeterminação dos povos, justificativas, escondidas atrás de discursos “antiterror” e “antinucleares”, para invasão de territórios, principalmente daqueles onde se encontram as maiores jazidas deste recurso natural. Em nome desses subterfúgios, justificam-se guerras e carnificinas.

7 POPULAÇÕES REAIS, FRONTEIRAS ARTIFICIAIS

O debate sobre fronteiras e territórios traz à baila, diversas reflexões, múltiplas interpretações. A evolução das sociedades trouxe outros valores, ligados à significação dos territórios e fronteiras. O território, hoje, se confunde com a posse dos recursos naturais e, portanto, está intrinsecamente ligado ao poderio político e econômico. O território passa, então, a ser observado como área de segurança nacional.

Com essa nova conotação acerca dos territórios, as fronteiras assumem, para muito além de divisas e áreas de delimitação dos territórios, o papel de regulador e controle geopolítico do espaço. Assim, as fronteiras, nos dias atuais, assumem uma relevância ainda maior, como reguladora dos territórios. Na verdade, as fronteiras, como reguladoras do espaço territorial, não observam os reais interesses das populações, mas sim os interesses da expansão e reprodução expandida do capital. ((RAFFESTIN, 1993)

As duas grandes guerras mundiais servem, perfeitamente, para ilustrar o significado geopolítico dos territórios e fronteiras. Afinal, para que serviram as duas grandes guerras, senão para expansão dos territórios e expansão de novas fronteiras? Os grandes vencedores das duas grandes guerras mundiais foram justamente os EUA, que tiveram seu território poupado e suas fronteiras alargadas.

Assim, as fronteiras são traçadas obedecendo a critérios meramente políticos e econômicos, muito distantes dos interesses e da realidade das populações que elas dizem proteger. Podemos verificar que, no mundo todo, as fronteiras se expandem de maneira a garantir a posse dos recursos naturais, principalmente àqueles ligados às fontes de energia, como o petróleo. Após as duas primeiras



Revoluções Tecnológicas os territórios ganharam novas configurações e as fronteiras sofreram expansões inimagináveis.

8 AS FRONTEIRAS NATURAIS (FÍSICAS) E GEOPOLÍTICAS

Vimos, no início de nosso estudo, que o homem se ligava ao território visando ao atendimento de suas necessidades imediatas, como alimentação, por exemplo. Nesse caso, as fronteiras possuíam o objetivo de delimitar os territórios e protegê-los das ameaças externas. Porém, vimos também que, na medida em que a sociedade evoluía, novas técnicas eram criadas, novos interesses e novos conflitos eram gerados, trazendo, dessa forma, novos significados para os territórios e suas fronteiras.

Há tempos atrás, as fronteiras eram traçadas obedecendo a critérios físicos, como vegetações, acidentes geográficos, como rios, cadeias de montanhas, picos, colinas, vales, formas de relevo, dentre outros fatores naturais. Porém, o que temos observado em todo o planeta é que essas fronteiras vêm se expandindo significativamente, atendendo a interesses geopolíticos e da expansão do capital. Como prova disso vemos os territórios artificiais, como o Kweit, território criado pelos EUA, para ser utilizado estrategicamente como base de apoio para ocupação do Oriente Médio. Ao observarmos o Estado do Acre, no Brasil, também verificamos o traçado de uma fronteira artificial [em linha reta], que serviu para justificar a posse de parte do território boliviano, anexado à força pelo Estado brasileiro.

Figura 04: aspectos geopolíticos que envolvem a relação Território/Fronteiras



Elaboração, organização e digitalização: V. M. da Fonseca (2010)

A figura 04 é uma representação esquemática que mostra a relação dos aspectos geopolíticos envolvidos na construção dos conceitos de território e fronteiras. Percebe-se, a partir da ilustração, que os interesses políticos e econômicos são preponderantes para definição das fronteiras territoriais na sociedade moderna.



8.1 FRONTEIRAS ARTIFICIAIS: FRAGMENTAÇÃO DE TERRITÓRIOS E DESTRUIÇÃO DE IDENTIDADES ÉTNICAS

A história nos mostra que as fronteiras artificiais separam etnias, destroem costumes e tradições e separam populações unidas pela identidade cultural. A construção da União das Repúblicas Socialistas soviéticas (URSS), e a separação da Alemanha em duas, após a Segunda Guerra Mundial são fatos que servem para ilustrar esse debate acerca dos territórios e fronteiras.

Mas, esses mesmos fatos históricos sofreram desmembramentos que nos servem de importantes instrumentos para a reflexão sobre o estabelecimento das fronteiras artificiais. Em 1989, tudo mudou. Naquele ano (1989), o grande acontecimento que marcou a história foi a derrubada do muro de Berlim, as duas Alemanhas se reunificam e com a queda do muro, cai por terra o maior símbolo da **barbárie**⁵ e dos horrores da Segunda Guerra Mundial. Era o fim da Guerra Fria e o Início de uma nova ordem econômica mundial, o período chamado de globalização econômica perversa (nos dizeres do Prof. Milton Santos), alavancado pela hegemonia capitalista e norte-americana no planeta.

No ano de 1991 o mundo assiste à desintegração do grande Império da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a URSS. Novamente as etnias superaram as imposições das fronteiras artificiais. Os desmembramentos do território soviético e alemão servem para a nossa reflexão acerca dos critérios utilizados para a criação de fronteiras. Será que os critérios políticos e econômicos superam as afinidades estabelecidas pelas identidades étnicas e culturais? Aí está um importante ponto para nossa reflexão.

9 TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS NA SOCIEDADE GLOBALIZADA

O aumento da velocidade da informação, dos transportes, das telecomunicações e da rede mundial de computadores “diminui” as distâncias entre os povos. A relação espaço/tempo configura-se de acordo com a lógica da velocidade. Estes são aspectos que caracterizam os tempos modernos, que marcam a “derrubada” das fronteiras econômicas entre os diversos povos. A “sociedade global”, por meio da tecnologia de última geração descortina também a crise, sem precedentes, que marca os tempos modernos. A tendência da chamada “sociedade global” é homogeneizar os povos, descartando e ignorando as diferenças culturais, políticas, econômicas, étnicas, religiosas, artísticas, dentre outras.

A globalização econômica se caracteriza pela produção urbano-industrial, pela mobilização do capital especulativo, volátil, que gira o planeta em busca de mão de obra barata e de condições propícias para sua reprodução e autoexpansão, sobretudo, pelas inovações decorrentes da Terceira Revolução Tecnológica, tais como: o aumento da velocidade do sistema de informações, por meio dos avanços das telecomunicações, dos transportes e da rede mundial de computadores (Internet) via

⁵ Barbárie é a destruição do homem pelo próprio homem, a autodestruição humana. Esta barbárie foi presenciada, nitidamente pelos crimes de Hitler, na Segunda Guerra Mundial. O Termo barbárie se refere aos povos bárbaros, altamente belicosos e que se autodestruíam.



desenvolvimento espetacular da informática. Além disso, é fundamental ressaltar o avanço espetacular da biotecnologia, devido ao desenvolvimento das pesquisas no campo da engenharia genética e à expansão do capital em direção ao campo, o que se dá por intermédio dos grandes conglomerados internacionais e transnacionais. (FONSECA, 2007)

10 ENTENDENDO A GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL

O termo Globalização vem de “Globo”, formato da Terra, o que significa a quebra de fronteiras entre os diversos povos e nações. Porém, nos tempos d’agora o nome mais correto seria americanização, pois, trata-se da construção da hegemonia norte-americana em nível mundial. Você deve se lembrar que no início das civilizações modernas, o mundo passou por um processo de Europeização, ou seja, a imposição da cultura, dos hábitos, dos costumes e das crenças dos povos europeus sobre as mais diversas nações do mundo. Numa visão crítica, isto ocorre com a chamada globalização, que nada mais é que o advento da americanização do mundo. Isto é, os EUA tentam impor sua cultura ao restante das nações do planeta.

Na verdade, a verdadeira Globalização iniciou-se, principalmente, a partir de 1492, com a descoberta das Américas, no período das grandes navegações. Estes eventos inauguraram o processo de descoberta do mundo, ou seja, o início do entendimento e da compreensão do mundo como um todo, o que possibilitou a livre circulação de mercadorias por diferentes regiões do planeta. Mas, os europeus tentaram impor ao conjunto dos povos, sua cultura branca, machista, religiosa, além de suas noções de progresso e de (des)envolvimento. Assim, não respeitaram a cultura e o corpo de valores dos mais diferentes povos. Aos que resistiam aos seus valores, eles chamavam de “Selvagens”. Em nome da cultura branca, europeia, vários povos, várias etnias e várias civilizações foram dizimadas. A Europa fez de conta que não entendeu o que é, de fato, a globalização, ela não conseguiu ter uma visão ampla de mundo. Não respeitou as diferenças entre os diversos povos e nações.

Carlos Walter Porto Gonçalves, 2004 nos ajuda a entender a globalização:

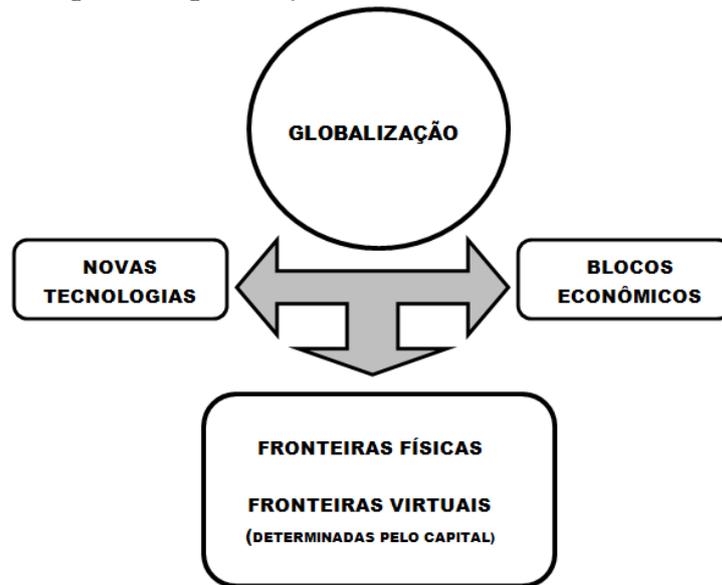
Além de ser azul, redonda e finita, a Terra não tem fronteiras, a não ser as da natureza, como a das nuvens que são móveis, evanescentes; ou a dos oceanos e dos continentes, assim mesmo diluídas, vagas. A ideia de globalização, que bem parecia superar todas as barreiras, se mostra algo banal. A globalização naturaliza-se. Afinal, a Terra está lá, solta no espaço, nua, natureza pura! As diferenças entre os povos não aparecem. Poderosa imagem essa que sobrevaloriza o planeta e esconde os povos, as culturas. A ideia de que estamos diante de um *constructo* cultural, cuidemo-nos, não nos deve escapar, até porque, nas diversas imagens que projetam da Terra no espaço, lá está a haste do satélite de onde ela foi fotografada. A técnica paira por sobre a imagem. Por trás da objetiva há, sempre, alguém olhando, observando. No caso, um poderoso sistema técnico como suporte de quem olha e comunica – o satélite com suas objetivas. (PORTO-GONÇALVES, 2004, p.13-14) (grifo do original)

É dentro desse contexto que se inaugura o período denominado de “Globalização”. Portanto, a Terceira Revolução Tecnológica vem alterar os conceitos e reflexões até então construídos acerca das



nossas duas categorias de análise: território e fronteira. Com a mobilidade do capital, que gira o mundo em busca do lucro, o território também se define de outras formas e as fronteiras também se estabelecem segundo a lógica da expansão do capital. Mas, os recursos naturais continuam a ser determinantes para a continuidade da importância do território. Porém, as novas tecnologias são colocadas a serviço dos grandes blocos econômicos que fiscalizam suas áreas de interesse, agora por intermédio de sensores hipermodernos e imagens de satélites.

Figura 05: A globalização econômica, territórios e fronteiras



Elaboração, organização e digitalização: V. M. da Fonseca (2010)

A figura 05 é um esquema que mostra os aspectos que influenciam na determinação dos territórios e fronteiras nos tempos modernos, também denominados de globalização ou sociedade globalizada. É importante verificar que na globalização econômica, outros fatores vão influir na constituição dos territórios e fronteiras, como as novas tecnologias influenciadas pela formação dos blocos econômicos.

11 BRASIL: TERRITÓRIO E FRONTEIRAS ESTRATÉGICAS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO

O Brasil, por suas peculiaridades, é considerado um país estratégico. De dimensões continentais e de localização geográfica estratégica, o território brasileiro ocupa a maior área do continente Sul Americano. O território brasileiro, por sua dimensão e riquezas naturais, é, nos tempos atuais, um território que chama a atenção das diversas nações do mundo.

Outro aspecto que coloca o território brasileiro entre os mais cobiçados do mundo é sua imensa diversidade de recursos naturais como recursos hídricos (aproximadamente 12 % se toda água potável do planeta), seu enorme potencial energético por se situar numa região intertropical, sua incalculável



riqueza em biodiversidade, principalmente, na Floresta Amazônica, no Cerrado e no que resta da Mata Atlântica, além de recursos minerais, como minérios, ouro, prata, pedras preciosas e semipreciosas.

Justamente por esta infinidade de recursos naturais, o território é extremamente estratégico, para o presente e para o futuro. Para se ter uma ideia do nosso potencial de biodiversidade, somente 13 % de nossas plantas da Amazônia está catalogada. Isto significa dizer que ainda não temos o cálculo exato do nosso potencial genético natural da floresta tropical.

Por tudo isso, e por seu tamanho continental o território brasileiro possui uma extensa região de fronteiras, de difícil acesso, além da dificuldade de fiscalização, devido à imensa área de florestas tropicais. Isso, sem mencionar o nosso extenso litoral. Exatamente por essa grande quantidade de recursos naturais, as fronteiras brasileiras são constantemente monitoradas e vigiadas, por intermédio de imagens de satélites.

A figura 06, a seguir, destaca a ecorregião da Amazônia, podemos verificar que o contorno fronteiriço destaca toda a Amazônia legal, que vai das encostas da Cordilheira dos Andes, até a Região Norte do território brasileiro. O tamanho e a quantidade de recursos naturais da nossa floresta tropical justificam a importância que assume, hoje, o debate sobre territórios e fronteiras, principalmente em nosso território.

Figura 6: Mapa da ecorregião da Amazônia



Fonte: Teixeira et. al. (2009).

Então, podemos afirmar que nos tempos modernos, o debate sobre essas categorias assume um lugar de destaque, uma vez que os conflitos pela posse dos recursos naturais é a garantia de futuro para esta e as futuras gerações de seres vivos. Cabe a nós, futuros educadores e profissionais do campo da ciência geográfica, incitar esse importante debate, até como meio de colocar no centro das discussões



o manejo e o uso correto dos nossos recursos naturais, como meio de garantir a tão sonhada sustentabilidade socioambiental.

12 PARA NÃO CONCLUIR! CONSIDERAÇÕES PARCIAIS!

Mas o território não é criado apenas por pressupostos econômicos ou políticos de abrangência e\ou de alcance do Estado moderno. Há produção de territórios por classes sociais que criam fronteiras no espaço urbano, por grupos religiosos que tornam o espaço “sagrado”, por indivíduos que se identificam com a prostituição, pelo narcotráfico e territorializam ruas e avenidas pelo uso em determinados períodos do dia. A própria rua é um território criado pelo Estado, que por sobreposição é territorializado pelos usos que a população urbana lhes emprega.

Também se pode pensar o território a partir das divisões de uma casa em cômodos em que se estabelecem usos diferentes por membros de uma mesma família. É uma forma de delimitação do território pelos usos e apropriações dos indivíduos que se relacionam em grupo e instituem fronteiras pelos usos e apropriações.

A propriedade privada de imóveis rurais e urbanos também é um exemplo de território, cuja fronteira, permeada por regulamentos tácitos ou abertos, apresentam restrições à sua transposição por sujeitos que não são proprietários legais, não podendo ser invadida ou ocupada ilegalmente.

A identidade é um conceito importante para a produção do território. Os brasileiros assim se identificam não apenas por terem nascido em terras brasileiras, mas por possuírem uma língua comum que os identifica de norte a sul do país, além das línguas dos povos originários, secundarizadas e até mesmo extintas de forma brutal, em função da mais-valia da propriedade da terra.

Grupos indígenas também possuem territórios e se identificam enquanto povos originários, comunidades tradicionais por possuírem matrizes étnicas comuns entre si, bem como cultura e modo de vida semelhantes, que se reproduzem no território. Durante o processo de colonização do Brasil inúmeras tribos indígenas foram dizimadas e grupos desterritorializados. Significa que a reprodução cultural sofreu perdas por ser desterritorializada devido a ocupação do país pelos usos econômicos e organização política. Vejam, por exemplo o brutal ataque das comunidades Yanomami, em detrimento dos conflitos pela posse da terra. Desse modo, podemos compreender que o território é produzido pela cultura, que para ser reproduzida necessita de um espaço delimitado, onde os sujeitos que dele se apropriam constroem suas identidades.

A globalização trouxe inovações tecnológicas significativas quanto ao melhoramento dos meios de comunicação. Viagens entre continentes que antes duravam meses, hoje podem ocorrer em algumas horas. A velocidade da comunicação tem facilitado o contato entre povos, entre culturas diferentes e favorecido a economia mundial. Porém, as fronteiras para a mobilidade humana têm se fechado. Os países ricos dificultam a entrada de migrantes advindos dos países em desenvolvimento



enquanto facilitam a entrada de mercadorias que lhes interessa para a economia, bem como estabelecido alianças econômicas com países interessantes para se realizar trocas comerciais.

Desse modo, podemos pensar o papel das fronteiras quanto à circulação de pessoas e mercadorias, questionando a validade da abertura econômica estabelecida pela constituição de blocos econômicos regionais que atribuem às fronteiras que garantem a seletividade à livre circulação.



REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia. A questão do território no Brasil. São Paulo: Hucitec; Recife: IPESPE, 1995.
- CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia Cultural. In: Castro, Iná E. et al. (org.). Explorações geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa. Uma reflexão sobre ciência e conceitos: o território na geografia. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. 10 Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço e Indústria. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1999. __ (Coleção Repensando a Geografia).
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. LEMOS, Amália Inês Geraídes. (org.). Dilemas Urbanos: Novas Abordagens, São Paulo: Contexto, 2003.
- COSTA, M. I. S.; NICCOLI, P. Espaços e Fronteiras na Política Brasileira: Site/ territórios dos Partidos Políticos. In: Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política, 2006, Salvador. Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política, 2006. Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2006/Costa_e_Ramirez_2006.pdf> acesso em 05 de novembro de 2007.
- EDUARDO, Márcio Freitas. TERRITÓRIO, TRABALHO E PODER: por uma geografia relacional. Campo e Território Revista de Geografia Agrária, <http://www.campoterritorio.ig>. v. 01, n. 02, p. 20-50, 2006.
- FONSECA, Valter Machado da. A DIMENSÃO AMBIENTAL DA EDUCAÇÃO: os conteúdos ambientais em escolas públicas das comunidades carentes. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia – FAGED/UFU, Uberlândia, 2007, Dissertação de Mestrado, 160 p.
- FONSECA, Valter Machado da. Contaminação das águas: Um reflexo das contradições do modelo capitalista de produção. Revista Ponto.br, n 21, Brasília, 2004, p. 46-47.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. O Desafio Ambiental. Emir Sader (org.). Rio de Janeiro: Record, 2004_ (Os porquês da desordem mundial. Mestres explicam a globalização)
- HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005. (Coleção Geografia e Adjacências)
- HUBERMAN, Leo. A História da Riqueza do Homem, 10 ed. Trad. Waltensir Dutra Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.
- RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2003.



SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Capitalismo e Urbanização*. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2005. (Coleção Repensando a Geografia)

TEIXEIRA, Wilson et. al. *Decifrando a Terra*. 2 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

VALVERDE, Rodrigo Ramos H. Felipe. Transformações no conceito de território: competição e mobilidade na cidade. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, p. 119-126, 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/123877-Texto%20do%20artigo-233452-1-10-20161208.pdf> . Acesso em 10 de novembro de 2007.